

A ADMINISTRAÇÃO ESCOLAR DO REGIME MISTO NA ESCOLA PRIMÁRIA

A sociologia da educação na França está amplamente centralizada no problema do êxito ou do fracasso escolar, e portanto na comparação entre os desempenhos escolares dos alunos e sua relação com um certo número de variáveis, principalmente o meio social medido pela CSP (categoria sócio-profissional) do pai ou pelo nível do diploma dos pais.

Nestes últimos anos surgiu um interesse novo pela educação das meninas, quando os sociólogos puderam constatar, graças às estatísticas escolares, que as meninas tinham "melhor êxito" que os meninos, quando das primeiras etapas da escolaridade e em certos cursos de formação geral¹. Poder-se-ia formular a hipótese pérfida de que esse interesse, que se reproduz em nível jornalístico, intervém no momento em que, como a escolarização das meninas ganhou um notável crescimento nos últimos anos, estas começam a concorrer com os meninos: haveria algum perigo à vista. É exatamente assim que, por exemplo, um número de *L'Express* apresentava as coisas em setembro de 1991, falando do "perigo feminino" que estaria ameaçando a supremacia masculina.

Esse "maior êxito" inicial na verdade recobre realidades distintas: por um lado há maior número de meninas nas "cabeças de turma", ou seja, entre os melhores alunos, no primário e no ginásio; mas, à medida que avança o processo escolar de orientação e seleção através de certas matérias, as meninas se tornam minoritárias nos cursos escolares considerados como os de maior prestígio. Por outro lado, as "más" alunas e "maus" alunos não encontram os mesmos tipos de dificuldade. Há mais meninos em dificuldade escolar que largam tudo e causam problemas aos docentes. Eles serão portanto mais rápida e amplamente relegados aos "desvios" ou aos cursos considerados

¹ Citem-se principalmente as obras recentes de DURU-BELLAT, M.. *L'École des Filles*. L'Harmattan, 1990; LELIÈVRE, F. e C. *Histoire de la Scolarisation des Filles*. Nathan, 1991; BAUDELLOT, C. e ESTABLET, R. *Allez les Filles*. Paris: Seuil, 1992, ZAZZO, B.. *Féminin Masculin à l'École et Ailleurs*. Paris PUF, 1993.

como tais². Já as meninas, mais discretas no processo de seleção escolar, mais de acordo com as expectativas comportamentais da instituição, serão toleradas por mais tempo nos cursos gerais.

Na realidade, falar de diferenças de êxito escolar segundo os sexos coloca um problema metodológico. Comparar estatisticamente as atitudes, comportamentos, desempenhos dos alunos pondo-os em relação com o meio social é um exercício que foi amplamente realizado nas décadas passadas. Mas quando se parte da diferença entre os sexos, para pô-la em números, esbarra-se com um problema ligeiramente diferente: é indispensável levar em conta o conjunto das trajetórias. Em outros termos, não basta comparar patamar por patamar os comportamentos dos alunos (meninas/meninos), porque é no conjunto do percurso escolar que esses desempenhos divergem de maneira significativa.

A partir daí, não é em termos de êxito ou fracasso que se tem que analisar as diferenças, mas em termos de escolhas sucessivas de orientação, de escolha de continuação ou de parada dos estudos e finalmente de uma relação diferente com o estudo e a profissionalização.

Ao longo de todo o percurso escolar, a cada patamar de orientação, as meninas e os meninos se separam; no ensino técnico e profissional, as meninas ficam concentradas num leque restrito de formações, prefiguração da separação do mercado de trabalho e da segregação profissional. No ensino geral, as meninas estão sub-representadas nas seções C, que dão acesso aos cursos científicos, e essa tendência se afirma ao nível do ensino superior, onde as moças são majoritárias em letras e ciências humanas e minoritárias nos cursos científicos - prefiguração da exclusão dos setores profissionais e das carreiras que comportam um poder técnico e decisório, produção do saber, gestão da economia, poder político. Mesmo se o nível escolar global das moças não apenas alcançou mas até ultrapassou o dos rapazes e assistimos em certas matérias ou campos de ensino a deslocamentos na divisão sexuada, tais como os cursos de Economia ou Medicina, por exemplo, o sistema escolar globalmente na verdade desempenha um papel de reprodução da divisão sexual do trabalho. A questão torna-se então a de saber por que as meninas não rentabilizam escolar e socialmente suas competências escolares iniciais. Qual será, nesse processo, o papel que cabe à instituição escolar e a seu funcionamento?

Assim é que chegaremos a falar do "falso êxito escolar" das meninas, retomando aqui o título de uma pesquisa de *Le Monde de l'Éducation* (julho-agosto de 1990). Todos os estudos estatísticos e sociológicos chegam a uma

² O sistema escolar francês se apresenta como um sistema hierarquizado em função da segregação espacial e em função dos cursos. Algumas matérias, no momento essencialmente a Matemática, servem de filtros para estabelecer a hierarquia dos cursos. A partir do fim do segundo ano do ginásio, os mecanismos de orientação concretizam a seleção social. A orientação para os cursos profissionais dispensados pelos Liceus de Ensino Profissional é com muita frequência vivida pelos diversos agentes como uma sanção.

mesma conclusão: as meninas partem vencedoras e chegam perdedoras na competição escolar meninas/meninos; eis o fato a ser interrogado. Essa abordagem tem de interessante o fato de evidenciar a existência até então ignorada ou ocultada de uma competição, de uma concorrência; em outros termos, a existência de interesses contraditórios entre as meninas e os meninos como grupos de sexo. A análise então se desloca da diferença para as relações de sexo.

Segundo os autores e os pontos de vista, pode-se analisar as mudanças na escolaridade das meninas sob dois enfoques.

O ponto de vista "otimista" considera a escola como fator de mudança para as relações de sexo: adiantada em relação à família e ao mercado de trabalho, ela oferece uma superfície de emancipação para as meninas. Em resumo:

- As meninas têm melhores resultados que os meninos no ensino primário e no ensino geral, o que as leva em maior número ao bacharelado³ e ao ensino superior: 42% das moças são bacharéis, contra 32% dos rapazes.

- As moças estão se aventurando nos guetos masculinos: mais nenhum setor lhes é juridicamente proibido.

- As moças estão conquistando maciçamente - com o risco de desvalorizá-los, dirão alguns - certos setores tradicionalmente de supremacia masculina, como a Medicina ou as grandes escolas de comércio, setores onde agora elas são majoritárias.

Certas análises poderiam pôr em destaque as estratégias femininas que questionam a idéia de reprodução das desigualdades sociais pela escola⁴. Consta-se efetivamente uma forma de instrumentalização da escola do ponto de vista dos interesses de sexo: a escolarização se torna um instrumento que permite pôr em causa os lugares tradicionais determinados para as mulheres pela divisão sexual do trabalho. As moças então superinvestem na escola e elevam ao máximo seu nível de qualificação.

A outra perspectiva, sustentada por feministas e por certas instâncias políticas francesas ou européias, deplora a má formação profissional das mulheres, seu despreparo para o mercado de trabalho. Nesse contexto, a tendência seria imputar a má inserção profissional das mulheres a escolhas erradas de orientação que concorrem para reproduzir a divisão sexual do trabalho:

- As moças continuam a se orientar para 30 profissões, os rapazes para 300.

³ No sistema francês, o bacharelado é um diploma obtido através de um exame especial no fim do segundo grau e que dá direito a entrar na universidade, exceto nas chamadas "grandes escolas" - Engenharia e algumas outras (N. T.).

⁴ Ver sobretudo GALLAND, O., *Représentations du Devenir et Reproduction Sociale; le cas des lycéens d'Elbeuf Sociologie du Travail*, 1988; FELOUZIS, G. *Interactions en Classe et Réussite Scolaire. Une analyse des différences filles-garçons. Revue Française de Sociologie*, XXXIV, 1993.

- Elas vêm a se encontrar maciçamente nos cursos que levam ao terciário e ao setor médico-social.
- No superior, param de estudar cedo demais (dois anos depois do bacharelado).
- Elas valorizam mal seus diplomas no mercado de trabalho.

Ao mostrar como as moças permanecem relegadas a um pequeno número de "cursos que desembocam em profissões que são formas tradicionais e socializadas de funções tradicionalmente atribuídas à mulher no seio da família"⁵, ou ao propor como explicação dessas opções o fato de que as meninas fazem suas escolhas de orientação escolar levando em conta o estado atual das relações de família, ou seja, a destinação das mulheres ao trabalho doméstico⁶, os sociólogos da educação mostram os limites da eficácia emancipadora da escola. Com efeito, dentro dessa perspectiva, as estratégias das meninas consistiriam em passar à frente das dificuldades que encontrarão em sua vida de adultas em função exatamente da divisão sexual do trabalho, que lhes atribui funções consideradas como subalternas na sociedade, aquelas que utilizam as competências específicas ligadas à socialização das mulheres. A escola então poderia ser considerada como um instrumento de mudança nas relações sociais de sexo apenas de maneira indireta, pelo fato da elevação do nível cultural das mulheres e suas consequências sobre as práticas sociais.

Regime misto e socialização diferencial dos sexos

Se já existe na França um certo número de pesquisas relativas à comparação das atitudes e desempenhos escolares das meninas e dos meninos, as pesquisas sobre a socialização diferencial dos sexos como produção, manutenção ou reforço das relações de dominação e da divisão sexual do trabalho estão ainda pouco desenvolvidas. Sobretudo o papel da instituição escolar e da utilização do regime misto nesse processo de socialização, largamente questionado nos países anglo-saxões, foi até o momento quase ignorado pelos pesquisadores franceses. A interrogação então não se aplica às comparações meninas/meninos, mas a situações socialmente produzidas; situa-se num contexto mais amplo de reflexão sobre os modelos de relações sociais entre os sexos, problema que exploramos no âmbito de um colóquio França-Quebec: Igualdade entre os sexos, regime misto e democracia (1992)⁷.

Os progressos da igualdade jurídica entre homens e mulheres que caracteriza as sociedades democráticas produzem situações e ideologias

⁵ BAUDELLOT, C., e ESTABLET, R., op. cit..

⁶ DURU-BELLAT, M., op. cit.

⁷ BAUDOUX, C. e ZAÏDMAN, C. (org.) *Egalité entre les Sexes Mixité et Démocratie*. L'Harmattan, 1992.

novas relativas à coexistência das mulheres e dos homens em um espaço social comum. Nas sociedades baseadas em uma separação estrita entre o espaço público e o espaço privado, onde as mulheres ficam trancadas em lugares e funções específicas, o problema do regime misto não se coloca. Nas sociedades de direito, mulheres e homens não ficam confinados em lugares e papéis estritamente definidos por seu sexo: a igualdade de todos os cidadãos diante da lei permite uma certa mobilidade nas posições sociais sexuadas que não são mais fixadas pela tradição. É nesse contexto que se coloca o problema do regime misto. O regime misto então tem que ser considerado como uma das figuras das relações entre os sexos, um modo de gestão social da diferença dos sexos.

Na França, a escola "republicana" aparece como fundamento e espelho da democracia. A escola primária, que tem como um de seus papéis essenciais a formação dos cidadãos, utiliza um princípio de igualdade de todos diante da educação: os alunos - e a palavra *élève* é neutra em francês - são considerados como indivíduos despojados de qualquer característica social, inclusive a origem étnica ou o sexo. É o princípio da laicidade. Não se trata de afirmar, contra todas as análises sociológicas da reprodução das desigualdades sociais pela escola, que a igualdade é realizada ou que os professores não levam em consideração em suas práticas profissionais, conscientemente ou não, as diferenças entre as crianças. Porém esse princípio de igualdade das oportunidades diante da educação estrutura os discursos e representações oficiais da escola e é amplamente partilhado pelos professores e pais.

Uma das dimensões essenciais das pesquisas feministas consistiu em denunciar os limites desse avanço democrático para as mulheres: trata-se de mostrar a manutenção ou a recomposição dos mecanismos de exclusão e de segregação, a produção de novas formas de divisão sexual do trabalho. No que se refere à escola, mostraremos as diferenças entre as trajetórias femininas e masculinas dentro do sistema escolar e o vínculo dessa configuração com o mundo do trabalho.

Nessa perspectiva, algumas pesquisas feministas se interrogaram a respeito da persistência do sexismo na escola, ou seja, de discriminações de alunas em função de seu sexo. Na França, existe também uma associação "Para uma escola não-sexista", dirigida por C. Valabrègue e que trabalha com instâncias européias. Seu objetivo principal é intervir na orientação das meninas; trata-se de denunciar os estereótipos dos papéis de sexo veiculados pela escola, essencialmente através dos manuais escolares, e que seriam fatores de inércia na mudança de mentalidades. Essa ação, associada em certa época à do Ministério dos Direitos da Mulher (1981-1984), depois às secretarias dos direitos da mulher, visa permitir às meninas "orientarem-se em todas as direções", na base de um argumentário resumido pelo *slogan* do ministro Y. Roudy: "as profissões não têm sexo". O acesso às profissões tradicionalmente masculinas é então o eixo principal da luta contra o desemprego das mulheres.

Essas análises e lutas feministas contra o sexismo em educação repousam portanto essencialmente em uma análise das representações dos papéis de sexo, do lugar da mulher e de sua função social. Mas é preciso ainda se interrogar sobre a eficácia dessas imagens frequentemente em contradição com a realidade vivida pelas crianças⁸. Donde a necessidade de analisar mais de perto o funcionamento das relações de sexo dentro da própria escola, em sua organização e seu funcionamento cotidiano, a exemplo de muitos estudos anglo-saxões.

O regime misto na escola primária

Se existem pesquisas relativas às representações dos papéis e sexo, as pesquisas sobre as interações entre professores e alunos e entre alunos, sobre o funcionamento cotidiano da instituição escolar sob a perspectiva das relações de gênero, estão ainda em grande parte por fazer⁹. São essas interações entre alunos e entre professores e alunos que pusemos no centro da pesquisa sobre o regime misto escolar feita em três escolas de Paris e da Grande Paris¹⁰. A pesquisa repousa em observação, entrevistas e seqüências filmadas. A questão principal é relativa à maneira como a escola enquanto instituição - a escola primária - administra a diferença entre os sexos. O fio condutor então é a análise, para os diversos aspectos da vida escolar, das modalidades de intervenção do gênero como elemento de definição da situação.

Desenvolveremos aqui certos aspectos dessa pesquisa sobre o regime misto escolar como funcionamento de um modelo de relações entre os sexos. Um diretor de escola expressou da seguinte maneira sua desilusão de militante da co-educação: "O regime misto é como o molho vinagrete: se parar de misturar se separa!" E efetivamente, observando a vida cotidiana da escola primária, bem depressa se constata que na realidade não há um modelo, porém dois modelos que comandam as relações entre os sexos:

- A separação amplamente espontânea entre meninas e meninos, modelo que domina sobretudo no pátio de recreio.

- Uma "mistura" dos indivíduos, modelo dominante na sala de aula, onde as atividades pedagógicas se desenrolam sem - em princípio - levar em conta a diferença de sexos dos indivíduos-alunos em questão.

⁸ Ver por exemplo STORTI, M. Les Institutrices au Lieu des Petites Filles. Petites filles en éducation. *Les Temps Modernes*, maio de 1976; FRAISSE, G., Un Dangereux Anachronisme. Questions sur l'analyse de la reproduction du sexisme. *L'Empire du Sociologue*. La Découverte, 1984.

⁹ A única obra científica que trata de maneira central do problema do regime misto escolar é a de MOSCONI, N.. *La Mixité dans l'Enseignement Secondaire un faux-semblant?* Paris: PUF, 1989.

¹⁰ Esta comunicação se apóia nas conclusões de uma pesquisa a ser publicada, *La Mixité Scolaire à l'École Primaire*, pesquisa realizada dentro do CEDREF e financiada pela FEN (Federação da Educação Nacional).

Tratando-se de uma mesma instituição, das mesmas crianças e dos mesmos mestres, é bem evidente que as duas situações não deixam de ter influência uma sobre a outra. Mas a coexistência dos dois modelos e o contraste entre eles nos parecem significativos, principalmente se invertemos o ponto de vista espontâneo sobre a escola que, partindo da sua função social proclamada, consiste em pensar primeiramente a sala de aula (a mistura), para ver nas atividades do pátio (brincadeiras sexuadas separadas) apenas um aspecto secundário. Do ponto de vista de uma análise das relações de sexo, pelo contrário, é esclarecedor partir da observação do pátio de recreio, lugar em que entram em jogo os corpos nas brincadeiras sexuadas, antes de estudar as relações na sala de aula, a relação com o saber. No pátio de recreio, o gênero é o fator dominante de definição da situação. Na sala de aula, ele não entra na definição oficial da situação, mesmo se intervém amplamente ao nível das práticas sociais pelo viés dos estereótipos e dos comportamentos diferenciados das crianças.

Se tomarmos as atitudes e desempenhos escolares como ponto de partida e objeto central da análise, permanecemos no âmbito de uma análise comparativa em que o peso dominante da variável "meio social" sobre o êxito escolar mascara a importância e o peso específico das relações de sexo no sistema educativo. Há, de fato, hierarquização entre os fatores de explicação. Sendo nosso objetivo analisar a reprodução social das desigualdades, não a partir do êxito escolar, porém a partir dos mecanismos próprios às relações de sexo, tem-se que inverter os pontos de vista...

Portanto, o modelo da separação das atividades em função do sexo é o fundo sobre o qual se desenrolam as outras atividades: as crianças se separam por si mesmas, no pátio para brincar de brincadeiras diferenciadas, nos corredores, na cantina, na própria sala de aula, quando os professores os deixam livres para escolher os parceiros ou vizinhos.

Mas essa separação se dá em um lugar onde o regime é misto por princípio, ela não é imposta pela instituição, às vezes é indiretamente incentivada, às vezes apenas tolerada. Trata-se então de uma separação "flexível" entre grupos que se constituem livremente e não são fixos em sua composição, separação que permite o desenvolvimento de relações de fronteira, interações de contornos, por sua vez, fluidos. Essa situação de separação dentro do regime misto, o fato de que a instituição só intervém de maneira negativa, através de proibições e não propondo atividades ou administrando o espaço, permite que se desenvolva, em eco com a sociedade "exterior", uma forma de violência, uma expressão da dominação masculina.

A "cultura futebol" trazida pela maioria dos meninos os autoriza a dominar o espaço do pátio com suas brincadeiras, suas brigas etc. Aqui caberia novamente a análise de C. Guillaumin sobre a "construção social do corpo como corpo sexuado", com os jogos entre iguais dos meninos e o

aprendizado de uma relação com o espaço dominado por parte das meninas¹¹.

Na sala de aula, a afirmação de regras igualitárias de funcionamento permite que as meninas se expressem mais livremente. Poder-se-ia até pensar que de certo modo, estando elas mais em adequação com o modelo do “bom aluno” ou pelo menos com as normas escolares de calma, concentração, cuidado com o material e os cadernos etc., e apoiando-se em uma cumplicidade de gênero com um corpo docente amplamente feminino, as meninas dominem a cena na sala de aula. Temos então que nos interrogar a respeito dessas regras que *reequilibram o jogo a favor das meninas, compensando ou neutralizando por algum tempo os efeitos da dominação masculina.*

Dentro de nossa pesquisa, fizemos questão de procurar acompanhar, nos discursos e práticas que os professores deixam ver, a maneira como o gênero, as características de sexo eram levadas em consideração. Na sala de aula, todos os professores, homens e mulheres, concordam em afirmar só levar em consideração em suas práticas de aprendizado dois níveis de realidade considerados como assexuados ou neutros: indivíduos, os alunos, cada um dotado de uma personalidade própria, um coletivo, o “grupo-turma”, também por seu lado dotado de características próprias variáveis de uma turma para a outra.

Todavia, quando oficialmente esvaziada da relação com o saber, da aquisição individual das competências, a diferença entre os sexos reaparece na administração do grupo-turma. Colocadas em lugares estratégicos, criando um pólo de calma e atenção, as meninas são postas em uma posição que se poderia caracterizar como de auxiliares de pedagogia. Aqui a utilização indireta das competências adquiridas no âmbito da socialização primária, ou seja, quando da primeira infância no seio da família, reforça as características de gênero e prepara as meninas para ocuparem seu lugar na divisão sexual do trabalho: cabem novamente as análises sobre a relação de ajuda, de serviço¹².

Em contraponto, a observação e a gravação das interações verbais em situação pedagógica permite constatar que, na maioria das turmas, os meninos conseguem polarizar a atenção do professor jogando “à margem” das regras da tomada de palavra: falam mais alto, intervêm mais vezes de maneira espontânea, interrompem mais freqüentemente etc... Em eco à ocupação dominante do espaço do pátio, poderíamos falar de uma forma de ocupação verbal do espaço pedagógico.

A relação com a tomada da palavra, se, está longe de ser sempre significativa no plano da eficácia pedagógica, ganha sentido quando dentro de uma análise em termos de relações de sexo: impor-se em um grupo, mesmo

¹¹ GUILLAUMIN, C.. *Le Corps Construit. Sexe, Race et Pratique du Pouvoir*. Paris: Côté-Femmes, 1992.

¹² CHABAUD, D. FOUGEYROLLAS, D. e SONTTHONNAX, F. *Espace et Temps du Travail Domestique*. Librairie des Méridiens, 1986.